

ÍTACA

**Revista dos alunos do Programa de Pós-
Graduação em Filosofia da UFRJ**

Rio de Janeiro / n. 7 / 2007

ÍTACA

Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da
UFRJ.
ISSN 1519-9002

Rio de Janeiro /Número 7
Julho de 2007

Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Reitor: Aloísio Teixeira

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa:
José Luiz Fontes Monteiro

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Diretor: Jessie Jane Vieira de Souza

Vice-Diretor: Gláucia Villas-Boas

Chefe do Departamento de Filosofia: Ricardo Jardim

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia: Guilherme
Castelo Branco

Ítaca
Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em
Filosofia da UFRJ

Conselho Editorial

Prof. Dr. André Martins
Prof. Dr. Aquiles Côrtes Guimarães
Prof. Dr. Fernando Augusto da Rocha Rodrigues
Prof. Dr. Fernando José Santoro de Moreira
Prof. Dr. Gilvan Fogel
Prof. Dr. Guilherme Castelo Branco
Prof. Dr. Luigi Bordin
Prof. Dr. Luiz Alberto Cerqueira
Prof. Dr. Maria Clara Dias
Prof. Dr. Ricardo Jardim
Prof. Dr. Roberto Machado
Prof. Dr. Rodrigo Guerizoli
Prof. Dr. Wilson Mendonça

Comissão Editorial

Getúlio Nascimento Braga Júnior
João Luiz Rayol Fontoura
Nathalie Barbosa de La Cadena
Rachel Martins
Renato Nunes Bittencourt

Revista Ítaca. PPGF-UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.
Getúlio Nascimento Braga Júnior, João Luiz Farah
Rayol Fontoura, Nathalie Barbosa de La Cadena, Rachel
Martins, Renato Nunes Bittencourt (org.)

ISSN: 1519-9002

1. Filosofia. 2. Textos acadêmicos

Sumário

Apresentação.....	8
O Conceito de “Fantasia Poética” e a Discussão sobre a Natureza do “Poético” nas Preleções sobre a Estética de Hegel.....	9
Ana Resende	
Entre o diagnóstico e a profecia: o percurso da “Grande Política” em Nietzsche.....	19
Bernardo Carvalho Oliveira	
Tractatus, verdade e valor.....	30
Bernardo Gonçalves Alonso	
O enunciado se diz de muitas maneiras: sobre a estrutura formal do enunciado no <i>Da Interpretação</i>	41
Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira	
Das formas platônicas às provas canônicas.....	51
Camila Jourdan	
Sobre o Pensamento e a Linguagem.....	64
Fabio Cândido dos Santos	
O princípio universal do direito na <i>Metafísica dos Costumes</i> de Immanuel Kant.....	73
Fábio França	
Sobre a frase de Nietzsche « <i>Cada palavra é um prejuízo</i> ».....	84
Flávio Pimentel	
A raiz da distinção aristotélica entre razão prática e razão teórica....	96
Francisco Moraes	
A construção do pensamento arendtiano e a desnaturação da política como processo filosófico: uma crítica ao pensamento platônico.....	107
Georgia Amitrano	

Conciliação entre liberdade e necessidade como origem da filosofia brasileira: Gonçalves de Magalhães.....	119
Leonardo Almada	
Nicolau de Cusa e a visão do princípio que fala no universo em contração.....	131
Leonardo Mees	
No Lugar Divino - Uma leitura de <i>Rep.</i> 614a9-616b2.....	145
Lethicia Ouro A. M. Oliveira	
Da autonomia mimética - Uma comparação entre a <i>Mimesis</i> Platônica e a <i>Mimesis</i> Aristotélica.....	158
Luíza Severo Buarque de Holanda	
Humanos, pessoas e sujeitos.....	172
Marcelo Carvalho Lyrio	
A ontologia e a contradição do ser e do dever: pequena apresentação da hipótese da equipolência entre identidade e diferença.....	182
Michael Pontes de Abreu	
A segunda vida de Brás Cubas.....	193
Patrick Estellita Cavalcanti Pessoa	
A arte como pedagogia para a liberdade: o exemplo de Schiller.....	206
Pedro Duarte de Andrade	
Nietzsche, o mal do ressentimento e a crise da cultura ocidental.....	216
Renato Nunes Bittencourt	
A relação do grego com a dor na tragédia.....	230
Robson Cordeiro	
Nietzsche e ópera em <i>O nascimento da Tragédia</i>	241
Vladimir Menezes Vieira	

Apresentação

Através do lançamento do número 7 da Revista Ítaca, damos continuidade a um importante trabalho acadêmico empreendido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia, seja na representação de seu ilustre corpo docente, seja na representação do seu corpo discente.

Os artigos aqui reunidos são aqueles que foram selecionados pelo Conselho Editorial dentre os trabalhos apresentados no Seminário dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ. Temos o orgulho de organizar o evento acadêmico realizado diretamente para o benefício dos alunos dos cursos de mestrado e doutorado em Filosofia, evento que envolve anualmente as pesquisas de colegas de programas de pós-graduação em Filosofia de todo o Brasil, evento que se caracteriza por receber cordialmente todo pesquisador discente que pretenda legar ao público resultados das suas pesquisas. Temos também o orgulho de poder legar ao público o resultado dessas valorosas pesquisas acadêmicas, tão diversas entre si, mas que manifestam um ponto de convergência: a dedicação ao conhecimento filosófico.

Gostaríamos de agradecer ao caríssimo Prof. Guilherme Castelo Branco, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ, pelos seus esforços em prol do crescimento da Revista Ítaca, aos professores do PPGF-UFRJ membros do conselho editorial, a Enedina Serra Pinheiro e Sônia Miranda, nossas inestimáveis secretárias do PPGF-UFRJ, aos nossos colegas Bernardo Alonso e Vladimir Menezes Vieira, a quem damos continuidade ao frutífero trabalho realizado na Revista Ítaca ao longo desse tempo e ao CNPq e à Capes e que financiam as pesquisas que deram origem aos artigos aqui publicados.

O Conceito de “Fantasia Poética” e a Discussão sobre a Natureza do “Poético” nas Preleções sobre a Estética de Hegel

Ana Resende
Doutoranda em Filosofia - UERJ

1. O Conceito de *Fantasia*

Na presente exposição tratarei dos conceitos de *fantasia* – formulado na primeira parte das *Preleções sobre a Estética* de Hegel – e *fantasia poética* – formulado na terceira parte das suas *Preleções*. Ao meu ver, o esclarecimento destes conceitos e, particularmente, do conceito de *fantasia poética* ajudará a compreender a natureza do que Hegel chama de *poético*, e que, segundo ele, se confunde com o conceito mesmo de belo da arte e de obra de arte em geral.

Assim, a poesia deve ser entendida como aquela arte particular que se situa entre os extremos das outras artes, isto é, entre a extrema *materialidade* da arquitetura e a extrema *espiritualidade* da música, mas também deve ser vista como aquela arte particular em que, ao mesmo tempo, a arte mesma começa a se dissolver e preserva para o conhecimento filosófico o seu ponto de transição para a representação religiosa enquanto tal, bem como para a prosa do pensamento científico¹.

Mas se a poesia se conserva entre os extremos das outras artes singulares, preservando tanto o aspecto *material* – mais *pesado* – quanto o *espiritual* – mais *elevado* –, é porque aqui, não se trata, para Hegel, de pura e simplesmente *espiritualizar* ou *racionalizar* o sensível ou o natural dado. Trata-se, antes, de uma *composição* de

¹HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, III, Werke in 20 Bd.*, Frankfurt/Main: Suhrkamp: 1970 ff., p. 234.

ambos aspectos, isto é, do sensível e do racional, ou, nas palavras de Hegel, de uma *reconciliação*.

Aliás, na terceira parte das *Preleções sobre a Estética*, Hegel observa que apenas o “criar e o formar poéticos²” são capazes de uma reconciliação do “fenômeno real³” na “forma representada espiritualmente⁴”, ao contrário do pensamento, em que a “reconciliação do verdadeiro e da realidade⁵” só pode ocorrer no pensamento. Daí apenas resultarem do pensamento as *idéias*, enquanto que as “imagens e figuras da fantasia⁶” constituem o resultado da criação e formação poéticas. No entanto, deve-se sempre atentar para o fato de que na “confusão da interioridade espiritual e da existência exterior⁷”, perder-se “na região do espiritual⁸” constitui um risco.

Na primeira parte das suas *Preleções*, Hegel se propõe descrever como a obra de arte, que tem sua origem no Espírito, é produzida por uma atividade subjetiva e, enquanto produto desta, isto é, enquanto algo subjetivo, mas objetivado⁹, como pode alcançar a “intuição e o sentimento do público¹⁰”. A esta atividade ou ainda a esta “*subjetividade criadora*¹¹” que produz a obra de arte, Hegel chama de *fantasia do artista*. Mas esta *fantasia do artista* não deve ser confundida com a mera “imaginação passiva¹²” ou com uma “faculdade *universal* da produção

²Id. *ibid.*

³Id. *ibid.*

⁴Id. *ibid.*

⁵Id. *ibid.*

⁶HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, I*, p. 230.

⁷HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, III*, p. 235.

⁸Id. *ibid.*

⁹Cf. HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, I*, p. 133.

¹⁰HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, I*, p. 362.

¹¹Id. *ibid.*

¹²HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, I*, p. 363.

artística¹³” que se limitaria à “*composição* do diverso da intuição¹⁴” e constituiria, assim, um meio-termo entre a sensibilidade e a racionalidade. Para Hegel, a fantasia é *criadora* e constitui, como já foi mencionado, uma atividade, não sendo, portanto, algo que se dê de modo imediato.

Em seguida, Hegel atribui à fantasia, enquanto “capacidade artística¹⁵” e enquanto atividade de criação, “o talento e o sentido para o conceber da *efetividade* e de suas figuras¹⁶”. Hegel afirma que é justamente esta atividade que possibilita ao Espírito fixar as “mais diversas imagens do *dado*¹⁷”, antecipando uma discussão que será retomada, mais tarde, na terceira parte das *Preleções sobre a Estética*, sobre os limites entre as esferas da arte, da filosofia e da religião.

Na primeira parte das *Preleções*, Hegel descreve no que arte e filosofia se distinguem: o elemento excedente na obra de arte não é a universalidade abstrata dos conceitos, mas a própria vida e seus incontáveis objetos. Mas, na medida em que é permitida à fantasia do artista uma determinada concepção da efetividade “em suas figuras reais¹⁸”, também lhe é permitida, em igual medida, “familiaridade com o *interior* do homem, com as paixões do ânimo e todas as finalidades do peito humano¹⁹”. Neste sentido, na terceira parte das *Preleções*, Hegel observa que se a fantasia do artista é capaz de conceber e figurar a “*efetividade interior e exterior*²⁰”, isto é, “todas as coisas espirituais e naturais, acontecimentos, histórias, atos,

¹³Id. ibid.

¹⁴Id. ibid.

¹⁵Id. ibid.

¹⁶Id. ibid.

¹⁷Id. ibid.

¹⁸Id. ibid.

¹⁹Id. ibid.

²⁰Id. ibid.

ações, estados interiores e exteriores²¹”, ampliando tanto o seu conteúdo quanto os seus modos de exposição, esta efetividade sempre coincide com os “interesses espirituais²²”, porque “sol, montanhas, floresta, paisagens ou a figura humana exterior, sangue, nervos, músculos, etc.²³” não constituem o objeto mais apropriado à poesia.

Segundo Hegel, a tarefa principal da poesia é “trazer à consciência os poderes [*Mächte*] da vida espiritual²⁴” e a esfera das “representações, atos, ações [e] destinos humanos²⁵”, além do mecanismo e da “ordenação divina do mundo²⁶”. Daí a poesia ainda poder ser considerada como “a mais universal e ampla mestra²⁷” da humanidade, ao tematizar tanto a existência do gênero humano como as “leis de sua existência²⁸”. Hegel prossegue afirmando que o homem “deve conhecer os poderes [da vida espiritual] que o impelem e governam²⁹” e que é a poesia que os fornece, “em sua primeira forma substancial³⁰”.

Mas se a tarefa principal da poesia é trazer à consciência a efetividade interior e exterior, não devemos confundir a sua tarefa com a do pensamento filosófico. A atividade da arte é oposta, “com respeito à forma do saber [*Wissen*]³¹”, à da filosofia, ainda que, segundo Hegel, “o verdadeiro [*das Wahrhaftige*] de todas as coisas³²” constitua o fundamento universal de religião, filosofia e arte.

²¹HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, III, p. 230.

²²HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, III, p. 239.

²³Id. *ibid.*

²⁴Id. *ibid.*

²⁵Id. *ibid.*

²⁶Id. *ibid.*

²⁷HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, III, p. 240.

²⁸Id. *ibid.*

²⁹Id. *ibid.*

³⁰Id. *ibid.*

³¹HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, I, p. 365.

³²Id. *ibid.*

Assim, não constitui tarefa da fantasia trazer à consciência a “racionalidade [*Vernünftigkeit*] interior³³”, sob a forma de “proposições e representações universais³⁴”, antes, esta racionalidade deve ser exposta na “figura concreta e na efetividade individual³⁵”. Em seguida, Hegel observa que, neste entrelaçamento entre o conteúdo racional e a figura concreta e real, o *artista autêntico* mobiliza todas as faculdades do ânimo, isto é, de um lado, a “reflexão desperta do entendimento [*Verstand*]³⁶” e, de outro, “a profundidade do ânimo [*Gemüt*] e o sentimento [*Empfindung*] revigorante³⁷”. Portanto, sem “reflexão, particularização [e] distinção³⁸”, nenhum conteúdo pode ser figurado.

Assim, Hegel conclui que a produção interior, que, na primeira parte das *Preleções sobre a Estética*, ele identifica ao gênio e ao talento, e a sua realização técnica não estão dissociadas:

o que vive na sua fantasia, vem até ele [ao artista autêntico] (...) pelos dedos, assim como o que nos vem à boca, para exprimirmos o que pensamos, ou como nossas idéias, representações e sentimentos mais íntimos aparecem imediatamente em nós mesmos através de posturas e de gestos³⁹.

2. O Conceito de *Fantasia Poética*

Ao falar da *fantasia poética*, na terceira parte das *Preleções sobre a Estética*, Hegel observa que o conteúdo desta ocupa um lugar intermediário “entre a universalidade abstrata do pensamento e a corporeidade

³³Id. ibid.

³⁴Id. ibid.

³⁵Id. ibid.

³⁶Id. ibid.

³⁷Id. ibid.

³⁸Id. ibid.

³⁹HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, I*, p. 370.

[*Leiblichkeit*] sensível [e] concreta⁴⁰” das outras artes particulares (arquitetura, escultura, pintura e música), porque o poeta não apenas tem de constituir um “mundo interior do ânimo e da representação consciente de si [*selbstbewußten*]⁴¹”, mas também tem de encontrar, para este *interior* um fenômeno exterior que lhe corresponda.

Assim, a fantasia poética é capaz de apreender tanto a interioridade subjetiva quanto o “particular da existência exterior⁴²”, sob a forma de uma *interioridade* objetivada. Mas esta idéia de que a fantasia corresponde a um meio-termo entre a individualidade do sensível e a universalidade do racional, já é exposta, por Hegel, na primeira parte das *Preleções*, quando, ao traçar a diferença entre o conteúdo da arte e da filosofia, ele observa que se, na filosofia, o pensamento constitui o “elemento da produção⁴³”, na arte, este se identifica à “configuração [*Gestaltung*] efetiva exterior⁴⁴”.

Hegel observa que o artista é justamente aquele que vê e ouve muito e que conserva, em si mesmo, tudo o que viu e ouviu, do mesmo modo que os grandes indivíduos se destacam do restante dos homens por uma grande capacidade de recordação. Porque este “Espírito mais profundo⁴⁵”, que faz com que o artista seja capaz de reter tudo o que foi visto e ouvido e que, nas suas atividades, isto é, no seu *fazer artístico*, possa concebê-lo em suas figurais reais, amplia “o campo dos seus interesses sobre incontáveis objetos⁴⁶”, fazendo com que ele escape à “limitação do material⁴⁷” sensível e concreto e ao

⁴⁰Id. *ibid.*

⁴¹HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, III, p. 273.

⁴²HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, III, p. 225.

⁴³HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, I, p. 364.

⁴⁴Id. *ibid.*

⁴⁵Id. *ibid.*

⁴⁶Id. *ibid.*

⁴⁷HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, I, p. 270.

conseqüente condicionamento da forma que determina tanto o modo de conceber a efetividade quanto o próprio “manejo [*Behandlung*]” artístico das outras artes singulares.

Embora o conteúdo da fantasia poética não se limite ao conteúdo das “relações do pensamento do entendimento ou especulativo⁴⁸”, nem ao da “forma do *sentimento* sem palavras⁴⁹”, nem ao da “clareza e precisão sensível, meramente exterior⁵⁰”, este também não se identifica ao conteúdo de caráter acidental, fragmentado e relativo da “efetividade *finita*⁵¹”, porque estes extremos já estão, na verdade, unificados pela própria fantasia poética na esfera da interioridade espiritual, já sendo, por isso mesmo, algo transformado que se constitui em produto da atividade artística, isto é, em algo totalizado, orgânico, infinitizado e permanente.

Aliás, isto já se apresenta como uma exigência, pelo fato mesmo de que, como Hegel observa, no geral, a obra de arte poética, na medida em que se constitui como “produto da fantasia livre⁵²”, deve ser configurada e acabada como uma *totalidade orgânica*. Daí o conteúdo da fantasia poética também não poder ser confundido com o conteúdo da “consciência comum⁵³” prosaica, que também configura a “matéria de espécie distinta⁵⁴”, mas que não cria nada de poético, porque, na verdade, a fantasia não reside nem no “mero apreender da efetividade exterior e interior⁵⁵” nem no mero “aparecer do Espírito

⁴⁸HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, III*, p. 231.

⁴⁹Id. *ibid.*

⁵⁰Id. *ibid.*

⁵¹Id. *ibid.*

⁵²HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, III*, p. 248.

⁵³HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, III*, p. 230.

⁵⁴Id. *ibid.*

⁵⁵HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik, I*, pp. 364 – 365.

interior na realidade das figuras externas⁵⁶”, antes, trata-se de fixar e levar à exposição o “universal [e] racional⁵⁷” no fenômeno, de modo vivo, revigorado e determinado.

Cabe, então, abrir um parênteses para mencionar duas passagens da terceira parte da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, nas quais Hegel se refere, primeiro, à figura do poeta e, em seguida, à “imaginação poetizadora [*dichtende Einbildungskraft*]⁵⁸”.

Na primeira passagem da *Enciclopédia*, Hegel observa que é um erro pensar que o poeta proceda de modo meramente intuitivo, isto é, que na sua exposição prevaleça apenas “a objetualidade [*Gegenständlichkeit*] do conteúdo⁵⁹” da intuição imediata. Segundo ele, o *poeta autêntico* – aquele que é capaz de desenvolver “sua intuição (...) *organicamente*⁶⁰” e subsumi-la, sob a forma do universal, na representação –, deve, “antes e durante a realização da sua obra, ponderar e refletir⁶¹”.

Na segunda passagem da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, Hegel descreve a *imaginação poetizadora* como aquela configuração “mais ou menos concreta [e] individualizada⁶²” que também constitui uma síntese, na medida em que a matéria sensível, “na qual o teor subjetivo [se] dá uma existência na representação⁶³” provém justamente da objetualidade do conteúdo da intuição imediata. A *imaginação poetizadora* ou *fantasia*

⁵⁶Id. *ibid.*

⁵⁷HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, III, p. 241.

⁵⁸HEGEL, G. W. Fr., *Enzyklopädie*, III, *Werke in 20 Bd.*, Frankfurt/Main: Suhrkamp: 1970 ff., p. 266.

⁵⁹HEGEL, G. W. Fr., *Enzyklopädie*, III, p. 254.

⁶⁰HEGEL, G. W. Fr., *Enzyklopädie*, III, p. 255.

⁶¹Id. *ibid.*

⁶²Id. *ibid.*

⁶³Id. *ibid.*

constitui, portanto, aquele “ponto intermediário⁶⁴” no qual o universal e o ser, o interior e o exterior são “formados em um [*eingebildete*]⁶⁵”. A isto, Hegel vai chamar, mais tarde, de *universal concreto*, no qual a totalidade não *põe em suspenso* [*aufhebt*] as suas partes e na qual estas, por sua vez, preservam a sua autonomia e se contituem, para a configuração poética, em algo “interessante para si, vivo para si⁶⁶”.

Mas também em relação às artes figurativas e à musica, a arte poética – graças à capacidade da *fantasia poética* de levar à exposição uma totalidade viva e orgânica – se distingue por seu conteúdo. Hegel observa que só a arte poética é capaz de desdobrar a “totalidade de um acontecimento, de uma seqüência, de uma alternância de movimentos do ânimo, paixões, representações e do curso acabado de uma ação⁶⁷” de maneira completa. No caso da escultura e da pintura, por exemplo, esta diferença entre a poesia e as demais artes se torna patente. Nem escultura nem pintura conseguem incluir, numa única obra singular, uma seqüência qualquer que seja ou o curso acabado de uma ação. Nos casos em que isto foi tentado, ou a escultura fracassa, como, por exemplo, no Laocoonte, em que o que predomina é a desarmonia entre a idéia e a matéria sensível, ou, no caso da pintura, nas representações da paixão de Cristo, em que o que se vê é, na verdade, uma seqüência de quadros que tentam dar conta de todo a ação.

Isto, no entanto, não significa que, uma vez que todos estes acontecimentos, histórias, atos, ações e estados exteriores e interiores estejam desenvolvidos e articulados

⁶⁴HEGEL, G. W. Fr., *Enzyklopädie*, III, p. 268.

⁶⁵Id. *ibid.*

⁶⁶HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, III, p. 251.

⁶⁷HEGEL, G. W. Fr., *Ästhetik*, III, p. 224.

e constituam uma unidade, estes aspectos e partes distintos não possam mais ser particularizados; ao contrário, observa Hegel, isto passa a ser “da maior importância para a obra de arte poética⁶⁸”, porque, na obra poética, a parte do singular nunca pode ser completamente distinguida da parte que contém o todo; assim, cada aspecto e cada parte está completamente individualizado e, ao mesmo tempo, está intimamente relacionado ao todo e somente ambos, o todo e as suas partes *autônomas* constituem *uma totalidade viva*.

⁶⁸Id. *ibid.*